

Autorização concedida ao Repositório Institucional da Universidade de Brasília pelo Decanato de Extensão da UnB para disponibilizar, no site repositorio.unb.br, o livro Universidade para o século XXI: educação e gestão ambiental na Universidade de Brasília.

REFERÊNCIA

CARNEIRO, Fernando Ferreira et al. Construindo ambientes saudáveis em Ceilândia: uma experiência de extensão do novo campus da Universidade de Brasília na maior cidade do Distrito Federal. In: CATALÃO, Vera Margarida Lessa; LAYRARGUES, Philippe Pomier; ZANETI, Izabel Cristina Bruno Bacelar (Org.). **Universidade para o século XXI: educação e gestão ambiental na Universidade de Brasília**. Brasília: Cidade Gráfica e Editora, 2011. p. 279-288.

Universidade para o século XXI:
educação e gestão ambiental na
Universidade de Brasília

Decanato de Extensão
Universidade de Brasília

2011

José Geraldo de Sousa Junior

Reitor

João Batista de Sousa

Vice-Reitor

Paulo César Marques da Silva

Prefeito

Oviromar Flores

Decano de Extensão

Clélia Maria de Sousa Ferreira e Fernando Ferreira Carneiro

Coordenação do Núcleo da Agenda Ambiental

**Vera Margarida Lessa Catalão, Philippe Pomier Layrargues,
Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti**

Organização

Renato Cabral Rezende

Revisão

Webson de Alencar Dias

Projeto gráfico e diagramação

Flora Egécia

capa

Comissão Editorial

Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira

Dione Oliveira Moura

Doris Sayago

Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

Laís Mourão

Maria de Fátima Rodrigues Makiuchi

Maria Rita Avanzi

Paulo César Marques da Silva

Philippe Pomier Layrargues

Saulo Rodrigues

Sérgio Koide

Vera Margarida Lessa Catalão

U58

Universidade para o século XXI : educação e gestão ambiental na
Universidade de Brasília / Vera Margarida Lessa Catalão,
Philippe Pomier Layrargues e Izabel Cristina Bruno Bacelar
Zaneti (orgs.). _ Brasília : Cidade Gráfica e Editora, 2011.
340 p. ; 22 cm.

ISBN: 978-85-65088-00-8

1. Educação ambiental. 2. Gestão ambiental. 3. Universidade
de Brasília. I. Catalão, Vera Margarida Lessa. II. Layrargues, Philippe
Pomier. III. Zaneti, Izabel Cristina Bruno Bacelar.

CDU 37:502.31

Construindo ambientes saudáveis em Ceilândia: uma experiência de extensão do novo campus da Universidade de Brasília na maior cidade do Distrito Federal¹

Fernando Ferreira Carneiro²

Antonia Angulo-Tuesta³

Antônio da Silva Matos⁴

Joaquim Pedro Ribeiro Vasconcelos⁴

Luciana Passos Gomes⁴

Luciano José da Silva⁴

Lusmair Martins de Brito⁴

Mariana Torres Maximo⁴

Michelli Pereira Costa⁴

Natalia de Paula Oliveira⁴

Thiara Dias Café Alves⁴

Ryckardo Rodrigues Araújo Souza⁴

João Paulo Laurentino Fonseca Marques⁴

Maria Madalena Torres⁵

Resumo: Este relato tem por objetivo apresentar os resultados do primeiro projeto de extensão iniciado na FCE, “Formação comunitária para ações de promoção

¹ Esse projeto foi financiado pelos Editais da Agenda Ambiental, PIBEX e MEC/PROEXT. O texto foi atualizado a partir do artigo de FLEISCHER, S.; CARNEIRO, F. F. “Um relato do projeto de extensão construindo ambientes saudáveis: entendendo as diferentes casas que nos abrigam”. **Tempus Actas em Saúde Coletiva**, v. 4, p. 149-157, 2009.

² Biólogo, professor do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Saúde da UnB, Vice-Coordenador do Núcleo da Agenda Ambiental.

³ Professora do Curso de Saúde Coletiva, Faculdade de Ceilândia / UnB.

⁴ Graduandos da Faculdade de Ceilândia / UnB.

⁵ Pedagoga do Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia.

da saúde e da qualidade de vida - Construindo Ambientes Saudáveis”, em 2010. O cineclube é a estratégia de aproximação dos movimentos sociais de Ceilândia com a academia por meio do debate periódico de temas problematizadores relacionados à história de luta da comunidade voltada para a promoção de ambientes saudáveis. Os debates foram gravados e transcritos como forma de registro, avaliação e publicação da experiência. A memória reflexiva sobre esse projeto é coletiva e se beneficiou de comentários críticos esboçados por vários de seus membros e pessoas das comunidades de Ceilândia. O intuito foi produzir um relato polifônico, preservando a atmosfera democrática, colegiada e diversificada que tem sido idealizada pelo projeto.

Palavras-chave: saúde, ambiente, cultura, participação social, diálogo de saberes

1. Contexto

No mês de agosto de 2008, a UnB inaugurou mais um *campus*, na perspectiva multicêntrica promovida em várias universidades federais brasileiras na década atual. Há décadas esperado e demandado por movimentos sociais de luta pela universidade pública local, a UnB passa a se desenvolver na cidade de Ceilândia, maior região administrativa do Distrito Federal.

Este relato tem por objetivo apresentar os resultados do primeiro projeto de extensão na FCE, “Formação comunitária para ações de promoção da saúde e da qualidade de vida – Construindo Ambientes Saudáveis”. A memória reflexiva desse projeto é coletiva e se beneficiará de comentários críticos esboçados por vários de seus membros e pessoas das comunidades de Ceilândia. O intuito é produzir um relato polifônico, preservando a atmosfera democrática, colegiada e diversificada que tem sido idealizada pelo projeto.

2. Como nasceu o primeiro projeto de extensão do campus Ceilândia da UnB

Em janeiro de 2009, no período de férias letivas, um grupo de professores/as e estudantes começou a refletir sobre suas concepções de “extensão”. Iniciou-se um ciclo de reuniões a fim de conhecer a história da extensão na UnB. Foram lidos artigos publicados na revista *Participação*, desde 1997, pelo Decanato de Extensão. Professores reconhecidos pela sua experiência na extensão universitária foram convidados a compartilhar seus aprendizados. A concepção de extensão foi amadurecendo a partir do questionamento de concepções desatualizadas

(mas ainda em uso) e limitadas, que consideram a “extensão” como parte de um “tripé”, ao lado da pesquisa e do ensino. Esta configuração tripartite contribui, em alguma medida, para que as vocações da universidade se mantenham separadas. O grupo entendeu a extensão como parte indissociável das atividades na sala de aula, laboratórios e outros espaços de pesquisa. Essas reuniões permitiram construir um espaço legitimado no ambiente acadêmico.

Avançou-se para estabelecer linhas de ação, considerando as diversas áreas disciplinares e interesses de pesquisa dos professores/as. Foram contempladas duas ideias centrais: a “saúde” como a primeira missão acadêmica da FCE e a relação imediata com a Ceilândia, cidade-anfitriã da FCE. Optou-se por uma categoria abrangente para abrigar as experiências e expectativas dos/as participantes do grupo: “ambientes saudáveis”. “Ambientes” não restrito à base biômica ou ecológica de um espaço; mas incluindo outras categorias como espaços físicos, atmosferas de trabalho, relações sociais e culturais, instituições (hospitais e creches), movimentos sociais e lideranças comunitárias. Batizou-se o projeto como “Formação comunitária para ações de promoção da saúde e da qualidade de vida – construindo ambientes saudáveis” ou, para abreviar, “Construindo Ambientes Saudáveis”. Mais recentemente, o projeto tem sido conhecido com o sugestivo nome de “CASA” Ceilândia⁶.

3. Os eixos do projeto

Estudantes e professores/as, em sucessivas reuniões, estabeleceram quatro eixos de trabalho do “Construindo ambientes saudáveis”.

O **primeiro eixo** buscou contatar, conhecer e convidar movimentos sociais, organizações não governamentais, associações e lideranças comunitárias da Ceilândia para apresentar o projeto, somar esforços na definição das linhas de ação e participar das atividades. Não se pretendeu atrair parceiros e interlocutores apenas do movimento ambientalista, por exemplo. “Ambientes saudáveis” podem ser discutidos e planejados por grupos de jovens, historiadores, grafiteiros, artistas e anciãos respeitados do movimento de saúde popular. Cada novo contato foi registrado num banco de dados. Esse diálogo recíproco e espelhado tem sido fundamental. Vários grupos, entidades e lideranças participam de forma intermitente do projeto. Destacamos algumas parcerias-chaves que participam ativamente do projeto e da coordenação: o Centro de Educação Paulo

⁶ Esse projeto é apoiado pelo Decanato de Extensão da UnB (Edital PIBEX 2008); Núcleo da Agenda Ambiental (Edital da Agenda Ambiental da UnB) e Ministério da Educação (Edital PROEXT 2009).

Freire de Ceilândia (CEPAFRE), que alfabetizou mais de nove mil pessoas em Ceilândia; o Projeto CASA BRASIL (UnB/DEX/NPJ) e o Museu Casa da Memória Viva de Ceilândia.

O **segundo eixo** criou um Cine Clube. As sessões aconteceram periodicamente na FCE e em Escolas de Ceilândia. O objetivo é a participação dos movimentos sociais, estudantes e professores/as da FCE, dos outros *campi* da UnB, do CEM 4 e de outras Escolas Públicas, vizinhos e moradores do bairro da Guariroba, jornalistas da mídia local e universitária. No primeiro ano do projeto, foram exibidos filmes produzidos na Ceilândia e/ou por seus/suas moradores/as e que retratam os processos históricos e sociais de construção do Distrito Federal. No segundo ano, o foco foi conhecer a história de Ceilândia a partir da luta por melhores condições de vida. Após cada sessão, dois/duas debatedores/as iniciam o debate com o público. Um/a debatedor/a pertence aos movimentos sociais locais e o/a outro/a à universidade. Os eventos foram filmados e transcritos para a produção de um documento analítico. Entre maio de 2009 e janeiro de 2011 foram realizadas treze sessões: as três primeiras, no Auditório do CEM 4; as sete seguintes na Semana de Extensão da UnB (SEMEX), no mês de setembro de 2009, com sessões ao ar livre na praça de esportes localizada em frente à Estação do Metrô da Guariroba; sendo que as três últimas em Escolas Públicas de Ensino Médio de Ceilândia (2010).

O público variou nas diversas sessões, no início eram noturnas para promover a participação dos movimentos sociais e estudantes. A partir de agosto de 2009, as sessões foram transferidas para o horário do almoço. Com a implantação da modalidade itinerante, em 2010, participaram entre 50 a 100 pessoas de cada sessão do Cineclube, que acabou por também aproximar da universidade os estudantes das escolas públicas de Ceilândia, que, em sua grande maioria, desconheciam a existência do *campus* da UnB na sua cidade.

O **terceiro eixo** buscou transformar as ideias debatidas nos contatos e nas sessões de cinema em atividades práticas e contínuas. A expectativa é que universidade e comunidade possam planejar projetos-piloto a serem implantados em Ceilândia, inspirados na ideia de “ambientes saudáveis”. Um das primeiras experiências foi o Trote socioambiental a fim de promover práticas sustentáveis e solidárias de trote aos/as recém-chegados/as estudantes. Em volta do atual *campus* da FCE, foram plantadas 50 mudas de árvores do cerrado (ipês e ingás) pelos/as calouros/as que serão responsáveis pela manutenção com a supervisão dos/as estudantes veteranos/as. A atividade foi filmada pelos próprios/as

estudantes que venceram o Edital “Curta o Trote”, de exitosas experiências, do Decanato de Assuntos Comunitários da UnB. Foram distribuídas 500 canecas do Programa da Agenda Ambiental da UnB a fim de promover a eliminação do uso de copos plásticos descartáveis, diminuindo a quantidade de lixo produzido pela FCE/UnB. A segunda edição foi em 2010, com o plantio de árvores no futuro *campus* da UnB em Ceilândia. Outras iniciativas que nasceram a partir do projeto CASA foram: Ação de promoção da saúde no COSE Ceilândia Norte – Brincar, um direito da criança; o consumo de álcool por escolares do Ensino Médio da Região Administrativa de Ceilândia – Um jogo educativo como estratégia preventiva; análise das condições de trabalho dos vendedores de CDs e DVDs “piratas” no entorno da Feira Central de Ceilândia – Distrito Federal; e o desenvolvimento do projeto Pare, pense e descarte – coleta seletiva solidária, em fase de implantação na FCE com uma associação de catadores de resíduos recicláveis (aprovado pelo Edital da Agenda Ambiental de 2010).

O **quarto eixo** pode ser entendido como um “metaeixo”. Pretende melhorar a comunicação e sistematização entre os eixos por meio da relatoria das reuniões a fim de preservar e socializar a memória processual dessa iniciativa. Foram produzidos materiais de divulgação das atividades utilizando a internet (*blog*), *e-mails* do alunado da FCE e lista de discussão entre os/as participantes do projeto, estratégia exitosa para organizar atividades e planejar encontros. Foi publicado o primeiro número de um jornal eletrônico. Desde meados de 2009, existe um mural físico, atualizado com fotos das atividades, convites para as reuniões, documentos informativos. O projeto estreitou laços com a Secretaria de Comunicação da UnB (SECOM/UnB), a UnB TV e jornais locais da cidade, como o Correio Braziliense.

O CASA participou de eventos científicos com trabalhos aprovados no IX Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, em 2009, Recife; no III Seminário de Extensão Universitária da Região Centro Oeste – SEREX (2010), com dois trabalhos de comunicação oral (Construindo Ambientes Saudáveis em Ceilândia e o vídeo Ceilândia: A incansável luta pela Igualdade Social); III Congresso Internacional de Salud y Trabajo, em Havana, Cuba (2010), com a apresentação oral: A Cidade dos Trabalhadores que Construíram Brasília–Promovendo Ambientes Saudáveis em Ceilândia; 1º Simpósio Brasileiro de Saúde Ambiental (2010), onde foram apresentados três trabalhos: Ceilândia: A Cidade Constituída a partir da Segregação Socioespacial, e dois pôsteres: Mapeando movimentos sociais: uma luta por qualidade de vida em Ceilândia – DF e Construindo Ambientes Saudáveis:

Trote Socioambiental. Outras atividades foram a Semana de Extensão da UnB, com oficinas, debates e reflexão em 2009 e 2010. A participação do projeto na SEMEX coincidiu com as duas premiações da FCE como o *campus* que mais ofereceu atividades nesses anos.

4. O Diálogo de Saberes em Ceilândia

O projeto CASA está terminando um ciclo em janeiro de 2011. Seus quatro eixos estão em andamento e continuam em permanente revisão e reciclagem. A cada novo evento, uma avaliação é feita e tenta-se incorporar aprendizados. Gostaríamos de citar algumas das transformações que o projeto promove entre seus membros e registrar algumas falas dos movimentos sociais em diálogo com a academia nos debates do cineclube. Um dos efeitos mais rapidamente percebidos tem sido a transposição dos limites tradicional e simbolicamente mantidos por uma concepção mais convencional de “universidade”. Aprende-se fora dos espaços corriqueiros e conhecem-se as imediações onde a universidade está situada. O diálogo é promovido entre diferentes espaços, atores e tempos. Prática e reflexão são automaticamente estimuladas.

Logo no primeiro semestre na universidade, fazer parte do projeto ‘construindo ambientes saudáveis’, primeiro projeto de extensão da UnB-Ceilândia, foi uma experiência inesquecível... não tinha noção do que era a extensão e da importância de se viver fora das salas de aula ou fora dos muros da universidade, repassando e multiplicando saberes. (...) A principal oportunidade que o CASA me proporcionou foi conhecer e me envolver com pessoas da minha cidade, da minha quadra, da minha rua e da nossa universidade. (Lusmair Brito, Estudante do 5º semestre de Fisioterapia).

(...) Nós ainda estamos em um processo de exclusão social muito grande, nós ainda somos, em todos os sentidos, algo muito afastado do centro de Brasília. E o que seria então até a chegada dessa universidade aqui na Ceilândia? Eu acho que a primeira geração de alunos é essa agora, né? eu acho que é inclusive um foco de pesquisa genial. Como isso vai ser retornado pra cidade, a minha questão é essa... como vai virar um produto que possa dialogar... (Ardilei Queiroz, Cineasta de Ceilândia formado na UnB – Debate durante o Cineclube – Rap o Canto da Ceilândia, 19/05/2009).

O CASA vem demonstrando ser uma oportunidade única para nós enquanto alunos da instituição, onde podemos associar os conhecimentos adquiridos em nossa formação com a experiência cotidiana da comunidade local, possibilitado através do contato direto com os movimentos e a população em geral (Luciano José da Silva, Estudante do 6º semestre de Gestão em Saúde Coletiva/FCE/UnB).

Outro efeito perceptível é o caráter coletivo da iniciativa, desde as reuniões entre os componentes do projeto ou com outros representantes da UnB (Agenda Ambiental, Decanato de Extensão etc.), até as sessões do Cine Clube. Embora os depoimentos sejam do Cine Clube, ilustram um caráter abrangente e duradouro deste projeto. Isto é, a diversidade de opiniões e vivências como uma oportunidade de tornar mais crítica e comprometida a díade aprendizado-ação. Esta diversidade, inclusive, muitas vezes se mostra a partir de ideias polêmicas, de discordâncias e atritos, de contradições em coexistência.

Os cineclubes com os seus debates riquíssimos... aborda visões de mundo. As polêmicas discutidas de formas multidisciplinares. Aos poucos estou conseguindo tornar minha visão de mundo mais crítica. (Thiara Café, Estudante do 6º semestre em Terapia Ocupacional/FCE/UnB).

No primeiro ano de projeto, por meio de filmes exibidos nos cineclubes – Invasores ou Excluídos, Conterrâneos velhos de guerra... conheci a história de Ceilândia, e porque é tão importante para os seus moradores. Esses filmes mostram a luta desses moradores (...) por moradia, saneamento e melhores condições de vida, a importância do *rap* na cultura e como forma de protesto. Quando estava fazendo uma entrevista... percebi a importância de conhecer a história da região, pois ao me identificar como aluna da UnB-FCE, o entrevistado começou a falar da razão pela qual a UnB estava em Ceilândia e a importância dos movimentos sociais... quando eu disse ter conhecimento da história da cidade e da luta até a chegada da UnB, ele foi mais receptivo...

(Mariana Torres Máximo, 5º Semestre de Saúde Coletiva/FCE/UnB).

Em um projeto coletivo, é impossível se atomizar em uma atividade ou tarefa. Desde o início do projeto, ficou claro para o grupo que sua confecção dependeria da participação ativa de todos. Não havia nada criado *a priori*. Desde o conceito de “extensão”, até a definição dos “eixos” e a execução diária, era preciso contribuir para pensarmos juntos/as. Idas e vindas, sucessos e fracassos, visões e revisões foram necessárias a cada semana do projeto. Esse mecanismo tentativamente mais horizontal, democrático e transparente, embora cause ansiedade e insegurança em partícipes jovens e acostumados ao trabalho individual incutido pelo sistema educacional no país, foi a tônica experimentada na presente iniciativa. As lições, às vezes mínimas, às vezes grandiosas, precisam ser recuperadas e registradas como o exemplo abaixo:

Eu tive grandes aprendizados como falar em público, assumir responsabilidades, trabalhar em grupo e a força desse tipo de postura. (...) E algo único que também tive oportunidade de aprender, como gestora [do projeto], foi sobre a parte burocrática, orçamentos, memorandos.... (Thiara Café, Estudante do 6º semestre em Terapia Ocupacional/FCE/UnB).

Sou morador da cidade, e dos 19 anos de vida que tenho, 19 anos foram vividos em Ceilândia, e desde que entrei no projeto comecei a me atentar pela história e de qual maneira poderia conhecer a realidade e atuar na mudança de certos problemas e pensar em soluções... ao perceber a importância da extensão e de um novo *campus* da UnB em Ceilândia serviu de incentivo para desenvolver outros projetos que fossem capazes de melhorá-la (Joaquim Pedro Ribeiro Vasconcelos, Estudante do 6º semestre de Saúde Coletiva/FCE/UnB).

O fato de o projeto visar à convivência, cada vez mais qualificada, com a cidade que recebe e abriga a FCE, imagens negativamente cristalizadas sobre a Ceilândia têm sido desconstruídas e revistas. Frequentar um *campus* na cidade e um projeto de extensão pode contribuir para mudar estereótipos e pensar de forma comparativa e diacrônica:

Como morei na Ceilândia no início dos anos 90, era bem novinha, mas lembro de ter ouvido meus pais e tios falarem da fama da cidade... que era local de marginal e todos eram discriminados. Havia nos noticiários relatos de muita violência e a aparência da cidade não era das melhores. Neste último ano, voltei a conviver em Ceilândia, no *campus* da UnB que na cidade se instalou...estou tendo a oportunidade de conhecer a história dessa cidade. (...) da participação da comunidade através dos movimentos, é algo histórico e que precisa se manter, há muito que conquistar e as novas gerações não podem se acomodar. (Michelli Pereira Costa, Estudante do 6º semestre em Gestão em Saúde Coletiva/FCE/UnB).

Ao pensar a inserção de uma unidade universitária num contexto complexo como a Ceilândia, é impossível não voltar a mirada reflexiva para o próprio ponto de partida. De forma cíclica e renovada, o projeto consolida sua origem, a FCE:

várias outras atividades que realizei no projeto como o trote socioambiental e a entrega das canecas foram muito importantes e porque não divertidas e educativas que me contribuam para socializar ainda mais com outras pessoas e a fazer a diferença na Universidade. (Luciana Passos, Estudante do 6º semestre de Gestão em Saúde Coletiva/FCE/UnB).

Esse olhar sobre o papel da universidade que queremos para o século XXI exige novas formas de interação como o território como nos explica uma das importantes lideranças de Ceilândia:

é importante que os alunos, ao fazer a leitura do processo real da sociedade do qual ele vai exercer a sua função, perceba com qual óculos ele vai enxergar os problemas, porque senão depois ele pode estar formado na Ceilândia e chegar com um óculos diferente do nosso. Isso não nos interessa. É bairrismo? Não, isso é defesa de classe mesmo, nós achamos que nossa classe foi atingida o tempo todo. (Eurípedes Camargo –liderança do Movimento dos Incansáveis de Ceilândia e ex-Senador da República).

Este relato, modesto e inicial, pretendeu registrar as principais atividades realizadas pelo projeto “CASA”. Aprender a trabalhar em grupo, dialogar com diferentes atores dentro e fora da universidade e, sobretudo, refletir sobre a nossa inserção no mundo – tanto em sua dimensão planetária como localizada num bairro ou numa cidade – têm sido os principais vértices de ação desse projeto. Enumerado dessa forma, essas tarefas podem parecer simples, mas é no exercício diário de diálogo e entendimento mútuo que se realizam tais tarefas. Não se pretendeu pintar um quadro “acabado” e harmonioso do projeto porque se entende que, como processo vivo, ele é ziguezagueantemente composto de sucessos e fragilidades, ruídos e sintonias. Essas considerações finais foram ditas por uma estudante que está há dois anos no projeto:

acho que o projeto nesses dois anos de história acadêmica baseia-se em duas palavras: aprendizado e socialização. Nele vivenciei experiências inovadoras, participei de encontros nacionais conhecendo culturas diferentes e principalmente conheci uma comunidade na qual antes só ouvia falar nos telejornais pelos seus crimes e violência. Depois de muita caminhada (...) pude perceber que Ceilândia não é apenas um lugar onde ocorrem fatos tristes, mas um lugar de muita luta e esperança do povo em busca de melhores condições sociais e econômicas para a população. (Natalia de Paula Oliveira Estudante do 5º semestre de Farmácia/FCE/UnB).

Nesse contexto essa nova universidade nasce em Ceilândia e terá que dialogar com as questões que os movimentos sociais colocam sobre os desafios de se transformar realidades, como uma das líderes do MOPUC nos provoca:

com certeza a universidade chega hoje e vai nos proporcionar um olhar diferente sobre a nossa cidade. É esse o papel da universidade: chegar e transformar para melhor (...). Era muita poeira e hoje temos muito asfalto. Talvez algo para refletir: Onde estão as árvores? Porque a água na cidade escorre como um rio e não sabe onde para? Então quem está na universidade hoje, enquanto professor, enquanto aluno, comunidade, tem o papel de refletir hoje a nossa cidade... tem um povo forte vai ter vida longa. (Eliceuda, Movimento Pró-Universidade Pública em Ceilândia).

Por fim, se por um lado, o CASA desafia definições mais convencionais de “extensão” historicamente ligadas a um certo assistencialismo, ou até um paternalismo em relação às “comunidades atendidas”, igualmente são desafiadas imagens desatualizadas de “universidade”. Nosso objetivo é olhar “para fora” para melhor olhar “para dentro”. Entender a Ceilândia, essa grande casa que tão generosamente tem recebido a UnB, é um primeiro passo para arrumar nossa pequenina casa acadêmica.